

Ventos Menineiros

Marcos Delgado Gontijo

1ª Edição

João Monlevade, 2016



Ventos Menineiros

Copyright ©2016 de Marcos Delgado Gontijo. Todos os direitos reservados ao autor.

TÍTULO ORIGINAL: Ventos Menineiros

REGISTRO: Fundação Biblioteca Nacional

REVISÃO: Andrea Cristina Lopes – revisora, escritora

Entre em contato com o autor pelo e-mail:

marcosdgontijo@yahoo.com.br

Redigido conforme Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

C7622	<p>Gontijo, Marcos Delgado</p> <p>Ventos Menineiros – Poesias / Marcos Delgado Gontijo. 1ª Ed. João Monlevade - Minas Gerais, Edição do autor, 2016. 88 pag.</p> <p>ISBN -978-85-921868-0-7 CDD – B869.1</p> <p>1. Poesia Brasileira 2. Literatura Brasileira – B869.1</p>
-------	--

Prefácio

“Estou rios, em correntes sinapses. Seguindo o somonar dos sonhos e os desvarios.” O leitor que se aventura nos versos de *Ventos Menineiros* de Marcos Delgado Gontijo encontrar-se-á em forma de rio, seguindo correntes sonoras de sua poesia e de seu universo literário precioso de imagens construídas no árduo lapidar do processo criativo.

“A felicidade e a tristeza andam juntas. São partes do mesmo sentimento, das mesmas expectativas, forças e fraquezas. São partes dos sonhos e das afeições. Das buscas, dos encontros e das surpreendências.” O livro surpreende desde a originalidade do título até os últimos poemas. Após a leitura, fica a sensação de que um vento menino pegou o leitor pela mão e o conduziu suavemente pelas entranhas e labirintos do inconsciente do poeta, visitando a infância e conhecendo um jovem sonhador que segue vivo no coração do autor. “Levo presenças, em vento menino a brincar com os cabelos, com o passado.”

Em cada verso, o menino poeta espia, cutuca e provoca o leitor para que reencontre a sua própria criança dentro do peito.

Marcos brinca com a linguagem como um menino brinca com a terra e constrói estradas, com a areia e constrói castelos. Ser poeta é brincar com as palavras e construir mundos poéticos. O eterno Manoel de Barros escreveu: “Meu filho você vai ser poeta! Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!”.

A riqueza da poesia de Marcos está na maestria de versar o mundo do homem contemporâneo através da inocência e da brincadeira da infância. Mais uma vez, os versos de Manoel de Barros caem como uma luva para traduzir a preciosidade de *Ventos Menineiros*: “Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).”

Ah, se todos tivessem a oportunidade de seguir com um vento menino e descobrir insignificâncias. “É hora de vagar, de lançar os poemas nas costas e seguir viagem” escreve Marcos em um de seus poemas. Realmente, é hora de deixar o leitor seguir o seu caminho. Alguns versos o leitor

levará para sempre durante a viagem, outros serão lembrados com muito carinho em momentos oportunos.

Espero que os versos de Marcos Gontijo cheguem ao maior número de leitores possível. Como escreveu Mario Quintana: “Os poemas são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lê. Quando fecha o livro, eles alçam voo como de um alçapão. Eles não têm pouso, nem porto. Alimentam-se um instante em cada par de mãos e partem. E olhas, então, essas tuas mãos vazias, no maravilhado espanto de saberes que o alimento deles já estava em ti.”

Abraço literário,

Marion Cruz

www.marioncruz.com.br

(Escritor e poeta)

Dedicatória

Aos amores da minha vida:
Luine, Luigi
e Betânia

ÍNDICE

Apresentação	8	Clarividências	48
Dançar catira e pisar timbira	10	Nos raios das estrelas	49
Meu rasto arrastado	11	Impressões	50
Sandálias e acendalhas	13	Raízes	51
Sentimentos	15	Ventos Menineiros	53
Palavras e silêncios	16	Generais generosos	54
Semeando carrapicho	17	Emoções mundanas	55
Tambores	20	Performance	57
Estradas surreais	21	Papa fogos	58
Contrapontos	22	Vida doce	59
Adrenalina em nitrogenia	23	Meandros	61
Aluado e Pasmado	25	Estar sem ser	62
Prismas	26	Através dos espelhos	63
Sonhos caracóis	27	Destramando as cordas	64
Penteando penas, perdendo asas	28	Símbolos	65
Pif paf e pingue-pongue	29	Reflexões	67
Elos e devaneios	30	Provações	68
Terra doce	31	Sonhos alaranjados	69
Os imperceptíveis	33	Procuras e andanças	70
Abelhas	34	Todos os tudos	72
Migalhas e aumentativos	35	Vem sim e volta sim	74
Jóias	36	Seguindo o longo assovio	76
A arte das Américas	37	Ando campeando	78
Cabeça ilustrada	39	Portas e chaves	79
Os olhos do rei	40	Iludente	80
Proezas e provérbios	41	Perseverança	81
Quando era uma vez	43	Metamorfose	82
Saracoteando no ramo seco	44	Enquanto tudo	83
Desatar a cinta larga	45	Magiculturas	84
Atos e proporções	47	No intemporal	85
		Mensagens	87

Apresentação

Ventos graçeiros tomam as poeiras das estradas, pegam desprevenidas as folhas dos pensamentos e os arrastam ao alto e aos dançantes sonhos, levitam os corpos frágeis e humanos e as energias dos sobre mundos. Ventos faceiros trazem os momentos vividos e existidos para o mundo das revivências e das sensações saudosas, das presenças vigilantes e orientantes. Ventos menineiros trazem movimentos aos dias de outono, a natureza fugitiva e conectiva, dinâmica.

Ventos encantados limpam o ar com vassouras de luzes e névoas, com magicaturas e iludências, com encantamentos. Ventos brizados e carinhosos sopram frescores aos sentimentos e calores as faces, sopram emoções em saracotes. Ventos falantes trazem as suspreendências dos dias corriqueiros, a quietude dos dias laborosos e euforia dos dias cheios de novidades.

Ventos cantantes e dançantes chegam sorridentes, tamborilantes e rodopiantes, fazendo festa, trazendo amizade e convivência. Ventos viajantes andam aventureiros pelos cabelos

soltos e pelas crinas valentes, pelas folhas trêmulas e dunas efêmeras. Ventos chuvados trazem esperanças, novos ares e oportunidades renovadas, novas referências e posturas e novas ondas para mover o barco.

Ventos levam e trazem as doçuras da terra aos bicos amorosos, fazem e desfazem fantasmas e fantasias, levam páginas e sonhos nelas gravados, trazem livros e sonhos aos mundos menineiros.

Dançar catira e pisar timbira

Vou retirar as vendas, pendurar a capa.

Observar nas interfaces

O peixe a escudar-se na superfície da água
Os olhos a escudarem-se nos pensamentos
Os sonhos a espelham-se nas verdades
Os sábios a espelharem-se nos ensinamentos.
A Terra a escudar-se do Sol
A vida a escudar-se no destino
E a espelhar nas estrelas.

Vou pintar meu rosto tribal

Chapelar meu cocar.

Vou despir-me do sono

Dançar tango, vestindo flamengo
Dançar catira pisando timbira.

Vou levantar da lama, abrindo os olhos

Abrir os ânimos aos limites.

Vou olhar sem lentes, sem colorizações e matizes

Ver debaixo dos mantos.

Meu rasto arrastado

A aventura revirou meu juízo

Estou seduzido aos desafios.

Cursar estradas e clareiras

Percursar por terras batidas e seixos rolados

Passar debaixo dos arcos e das frestas do sol chovido.

Andar aos embalos dos morros e impulsos da vida

Atravessar as planuras e as serranias

Andar fechando os dias e abrindo as alvoradas.

Vou seguindo apressado e desapertado

Caminhando nas estradas do tempo

Vou minutos de momentos e relances

Vou horas de esperas e reencontros.

Sou estradeiro nos corredores do mundo

Debaixo dos telhados do destino

Ando felicitado, com os sapatos gastos

A trilhar caminhos escarpados.

Estou vagueando por rumos pantanosos
Pisando chão vermelhado, argilado
Deixando meu rasto arrastado.

Vou para onde se juntam as estradas
Onde as passadas seguem as mesmas estrelas.

Sandálias e acendalhas

Falas que gelam na brasa e que queimam na neve

Que pesam no ar e pairam nas pedras,

Na luz e nas sombras

- palavras surdas e silêncios alto-falantes.

Vamos palavrear, assentados no abrigo

Juntar as acendalhas e faiscar fogo no atrito

E rápido, feito o clarão dos raios no céu negro

Domar as ideias que lhe saem

Os medos que lhe tohem

Asar nos ventos que carregam

Remar nos rumos que tracejam

Escrever as palavras que sopram e chamam.

Vamos palavrear por que

Quem é bom de luz não arremeda fogo

Nem pula dos vidros

Quem é bom riso não esconde os dentes

Nem cosqueia dementes

Quem é bom de sonho não arremenda o sono
Nem vagueia sonâmbulo.

Vamos falar do imediato e do porvir, do antes e do porém
Ter olhos de sol e visão de luz
Ter sensibilidade de vento e sentimento de pluma
Ter esperança de chuva e vontade de raio.

Vamos abrir as portas, os livros, as mentes
Fechar amizades, fechar os olhos ao beijo
Fechar os braços aos abraços
Fechar os passos ao rumo
Abrir os pensamentos e abrigar a imaginação
Frestear luz no céu fechado e na chuva regalada
Remover as pedras marcado caminhos
Estender pontes juntar os mundos.

Vamos falar
Ter sonhos estrelados de amor
A Imaginação fogueada de ternura
A ilusão faiscada de verdades
As fantasias esmaltadas de contentes - de gente

Sentimentos

Nenhum sentimento é ilhado:

Se amamos, temos saudade

Aflição, euforia.

Se temos esperança, temos sonhos

Ambições, paciência.

Se queremos a paz, queremos a união

A cooperação, o respeito.

Se queremos viver, devemos querer amar

Termos esperança e paz

Se queremos a felicidade, precisamos procurá-la

Aceitá-la, cultivá-la.

Nenhum sentimento é desamparado:

O amor alimenta as ilusões e o carinho alimenta o amor

A idade cativa a saudade e o silêncio fomenta a solidão.

E num mesmo conjunto reúnem-se vários sentimentos que

Abrandam os brutos corações, iluminam o saber

Irmanizam as pessoas e humanizam as coisas.